



ESTRANHEZA E EXCENTRICIDADE NO CONTO ROSA DE BERNARDO ÉLIS

STRENGTH AND EXCENTRICITY IN THE SHORT TALE ROSA BY BERNARDO ÉLIS

Antônio Oliveira

Universidade Estadual de Goiás (UEG)
professorantoniooliveira@bol.com.br

José Elias Pinheiro Neto

Universidade Estadual de Goiás (UEG)
jose.pinheiro@ueg.br

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar alguns aspectos de estranheza e excentricidade na personagem Rosa, no conto de mesmo nome, escrito por Bernardo Élis. Nela existe, caracterizada pela estranheza, a descaracterização dos conceitos clássicos da criação literária em relação à construção da personagem. O que nos leva a pensar na assertiva: a natureza se humaniza ou a personagem se naturaliza. Há um entrelaçamento que dissolve tanto a natureza quanto a personagem, representação do ser humano. Trata-se de uma revisão bibliográfica contrapondo teóricos ao texto bernadiano. Dentre alguns podemos citar: Bandeira (2014); Bakhtin (1993); Macedo (1968) e Olival (1981).

Palavras-chave: Bernardo Élis. Excentricidade. Crítica literária.

Abstract: This paper aims to analyze some aspects of strangeness and eccentricity in the character Rosa, in the tale of the same name, written by Bernardo Élis. In it exists, characterized by the strangeness, the depriving of characteristics of the classic concepts of literary creation in relation to the construction of the character. Which leads us to think of the assertive, the nature humanized or the character becomes naturalized. There is an interweaving that dissolves both nature and character representation of the human being. This is a bibliographical revision, opposing theorists to the bernadiano text. Among them we can mention: Bandeira (2014); Bakhtin (1993); Macedo (1968) and Olival (1981).

Keywords: Bernardo Élis. Eccentricity. Literary criticism.

Considerações Iniciais

Estranhamento, indiferença e incompreensão são elementos que fazem do conto intitulado *Rosa*, do escritor Bernardo Élis, publicado em 1966, na coletânea *Veranico de Janeiro*, uma mistura de personagem e ambiente em que ambos se entrelaçam numa perfeita sintonia, especialmente, no tocante a Ser e Natureza se fundirem a ponto de chamar a atenção, não pela beleza padronizada socialmente, mas pela estranheza como se apresentam na prosa do narrador. A aparição da personagem na narrativa se dá de forma surpreendente, não se sabe a sua origem e nem suas raízes.

Em um curto espaço de existência diegética, a personagem Rosa se caracteriza pelo fato de não se adaptar à realidade do povoado. Exclusa e praticamente incomunicável resguarda-se em seu mundo interior, numa espécie de autismo, o que nos permite conceituá-la como excêntrica. Seu convívio se dá entre os afazeres rústicos e o cuidado com alguns animais, especificamente pássaros, que lhe rodeiam em um tempo marcado pela ansiedade da chegada do período chuvoso. E da saudade do lugar de onde viera. Ao final do conto, a protagonista simplesmente desaparece, numa espécie de retomada da introdução da narrativa. Fica a indagação do leitor. O narrador omite o destino da personagem, estando a cargo de quem o lê construir o final da diegese.

O caminho ontológico do ser humano não segue uma linearidade imposta pela lógica temporal. Nesse trajeto de vida, o percurso é marcado por idas e vindas, metamorfoses, solidez, isolamentos estranhezas e demais complexidades inerentes ao ser. Todas essas ramificações da complexidade existencial do indivíduo podem ser percebidas na prosa de Bernardo Élis, especificamente em seus contos, em sua grande maioria. Nas palavras de Olival (1981, prólogo) “[...] É o contraste da natureza assistindo, impassível, aos mais hediondos crimes, é o balbuciar dos oprimidos, são as reticências prolongando o arrojo dos pensamentos contidos”. Fazendo referência às deformidades e estranhezas que caracterizam também muitas personagens do escritor.

Bernardo Élis é um nome importante na literatura brasileira, caracterizado por uma representatividade do espaço goiano, em que suas personagens se transfiguram de um plano regional para uma temática universal. Para Unes (2005, p. 8), o literata

foi um escritor que teve o privilégio (ou dissabor) de ser testemunhas das grandes mudanças ocorridas no Centro-Oeste ao longo do século XX: a partir da mudança da capital de Goiás, passando pela construção de Brasília, e culminando na inserção definitiva da região na economia nacional, sua sensibilidade política e de escritor permitiu-lhe perceber essas mudanças e usá-las como pano de fundo de grande parte de suas obras.

Podemos nos referendar, também, em Macedo (1968, p. 23), ao escrever sobre o autor aproximando-o de Edgar Allan Poe no sentido de não ter a preocupação com a beleza pura, entendendo que a catarse exercida pelo texto no leitor é essencial para a estrutura do conto. “Bernardo Élis, à semelhança de Edgar Allan Poe (1809-1849), explora êsses aspectos dos escaninhos goianos, da alma de nossa gente e usa sua arte com o escôpo de mostrar o dilema do fardário humano, sem a bazófia de tentar solucioná-lo”. Neste sentido, é que este trabalho, por um caminho bibliográfico, busca em Rosa, personagem homônima do título do conto, com elementos de estranheza, a descaracterização dos conceitos clássicos da criação literária em relação à construção da personagem.

Rosa foge ao padrão instituído pela imposição narrativa dominante, assim como várias outras personagens de Bernardo Élis. Caberia aqui alguns exemplos: Supriano, personagem de *A Enxada*, também das coletâneas *Veranico de Janeiro*; Camélia, personagem de *A mulher que comeu o amante*; Anísio, personagem de *O caso inexplicável da orelha de Lolô* e Quelemente, do conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, apenas para constar, estes últimos todos da coletânea publicada em Ermos e Gerais (1944), além de várias outras que também são caracterizadas neste estilo transgressor.

Estranheza e Excentricidade em Rosa

O conto *Rosa* tem no início um ambiente cotidiano regional, historicamente num cenário goiano. Hora do almoço, fins de julho, ansiedade marcada pela esperança de chuva, longo período de estiagem – a seca. Coisas que aproximam a vivência do leitor, e de forma enfática o goiano, à realidade da narrativa. Poderíamos dizer um processo de catarse em que a chegada da chuva expurgaria a ânsia humana. Sobre o texto, Silva (2017, p. 88) escreve que

“Rosa”, publicado por Bernardo Élis em 1966, trata da chegada de uma mulher rústica, vinda do sertão, para a cidade. Ela se torna empregada na casa de uma família, mas não compreende a cidade por seus costumes e práticas. Por isso, ao final do conto, Rosa foge de lá. Alguns destaques em relação a esse conto são o preparo grosseiro dos alimentos e a conexão entre homem e a natureza. Por isso, “Rosa” é, por excelência, um conto sobre campo e cidade.

Em meio a esse cenário essencialmente normal na região goiana, o que chama a atenção é a personagem Rosa, ela surge do nada, (sobre)vive em nada e, da mesma forma, desaparece no nada também. Entretanto, em seu curto período de existência são várias as metamorfoses pelas quais se submete e que acaba por lhe (de)formar enquanto ser. A palavra nada na interpretação bernadiana trata-se de um exagero porque ela vem de algum lugar e, neste sentido, de acordo com Marchezan (2018, p. 2), “[a] hipérbole textual de Bernardo Élis trabalha uma amplificação crescente de uma idéia, a fim de despertar no leitor sua compaixão e partidarismo, momento em que, ao intensificar e evidenciar os seus propósitos, exacerba o verossímil”.

Isso pode parecer estranho, na verdade não pode, é estranho. É a estranheza que faz de Rosa uma representação da complexidade inerente ao ser humano. Nas palavras de Santos (2009, p. 138), “Como categoria pautada no anômalo, o grotesco, amiúde, buscará sua maneira de figuração nas imagens que expressam o mistério, o desconhecido e o excêntrico - grosso modo, podemos dizer que o grotesco é uma estética do outro”. Significa construir a feição alheia a partir de um olhar primeiramente subjetivo para estereotipar o outro visto apenas sob o foco de si mesmo. É o que se apresenta na personificação da personagem Rosa, “Rosa não queria ganhar nada. Rogava

somente um canto pra mode dormir, um tiquim de comida mode não morrer de fome: - Tô andando bem um mês e que..." (ÉLIS, 1991, p. 114).

No trecho acima podemos compreender um mistério que envolve a personagem, dando-lhe ar de grotesco, de estranhamento (SANTOS, 2009). Teles (2002, p. 303) nos dá fundamento para a assertiva quando, ao ser referir à obra de Bernardo Élis, define que "pela técnica modernizante cria no centro-oeste uma obra estranha e original". Partimos desta técnica para entendermos o caráter transgressor que se destaca na prosa do escritor. Ainda neste sentido Bandeira (2014, p. 29) escreve que

Os contos bernadianos apresentam a história do sertão de Goiás, mas de uma maneira extremamente diferente dos documentários escritos por outros autores. Como afirmou Mário de Andrade, é uma realidade que brota do íntimo do escritor, construindo seu mundo real através da ficção. Quando da publicação de *Veranico de Janeiro*, Antônio Cândido, também teceu seu comentário a respeito de Bernardo Élis, escrevendo "A minha impressão é que subiu a uma altura de mestre original com 'Veranico de Janeiro', e que na literatura brasileira poucos podem gabar-se de ter encontrado uma fórmula narrativa tão eficiente".

Outro componente que merece comentário diz respeito ao receio, o medo que a personagem tem do ambiente exterior. "Nutria pela rua um surdo receio, incerto temor de doma ou possível perigo, olhando-a às escondidas, como se olha um bicho feroz ou nojento" (ÉLIS, 1991, p. 114). A personagem principia-se por uma desfiguração humana, transformação na representação grotesca, o que a direciona cada vez mais ao estranhamento. Na visão de Bakhtin citado por Santos (2009), um caráter intimista e rebelde da estética romântica. Entretanto, nos aventuraríamos a dizer que seja uma extensão à prosa neorrealista de Bernardo Élis.

Rosa é recebida na casa quase por um equívoco, no meio das refeições não se abria a porta facilmente, "[f]oi numa hora de almoço. O dia, era um dia claro, de muito sol, as andorinhas voavam no beiral. Na porta da rua ouviu-se um ruído. Um saco de roupa jogado no chão? Em seguida um gemido como se alguém velho ou muito cansado se assentasse" (ÉLIS, 1991, p. 75). Até a loja era fechada na hora das refeições, eram feitas quase que às escondidas, esta atitude refletia ações cotidianas das relações citadinas, a família trancava

“as portas e as janelas que davam para a rua, como se comer fosse ato proibido ou indecente. Existiam roceiros e vagabundos que farejavam de longe a comida, entravam pela casa dentro e submetiam ao Reimundo ao dilema: ou me dão de-comer ou não me dão de-comer”. (ÉLIS, 1991, p. 76). Estas relações situam-se na maldade do coração, na convivência em grupo das cidades em que impera o ganho fácil ou a maledicência daquele que esconde o que tem.

Se seu Reimundo desse o de-comer, teria que suportar a despesa, teria que arcar com o risco de se contaminar com as doenças que esses filantes geralmente traziam, repelentes e transmissíveis. E teria que passar vexames, o hóspede sempre sairia falando da pobreza da mesa, da pobreza dos pratos e talheres. Se não desse comida, arcaria com a maledicência do povo, com o comentário de caúira ou ridiqueza, e até perderia algum possível freguês. O remédio era amoiatar-se. Se alguém batia, como naquele momento, Reimundo não se movia. Deixava que o sujeito cansasse de sentar os nós dos dedos na madeira dura e croquenta da porta e se fosse embora. Ou que esperasse. No trivial, quando alguém batia, tomava a refeição ainda mais devagar. O filho é que na sua inocência dava o cavaco, engolia depressa o feijão e se dispunha a ir atender (ÉLIS, 1991, p. 76).

Ao abrir a porta se depara com Rosa pedindo apenas um local para dormir, que não tinha pai e morava muito longe daquela localidade. Rosa fica na casa, porém no que se relaciona a comida, não foi bem aceita, era diferente o modo rústico como ela lidava com aqueles afazeres.

E Rosa se foi ficando para lavar uma roupa, rachar lenha, pilar arroz, socar paçoca, capinar quintal, torrar e socar café, fazer sabão, buscar água na bica. Cozinhar ela bem que principiou, mas dona Rita desistiu. Não havia ninguém que aguentasse engolir seu feijão dessorado, seu arroz grudado na panela, sua mandioca cozida com casaca e tudo, suas carnes mal refogadas, geralmente destemperadas, pois onde ela nasceu e se criou o sal era muito vasqueiro e carecia de estar não gastando sempre (ÉLIS, 1991, p. 78).

O estranhamento se segue à medida que a narrativa transcorre em seu tempo ficcional. A personagem cada vez mais se isola. Trancada em seu mundo interior se expõe apenas pela metade, “ela ficava um tempão danado quieta na cozinha tão humilde e vegetal que a gente tinha a impressão de que ela se dissolvia no ambiente. Identificava-se, nesse momento, de tal forma com a natureza que as rolinhas fogo-apagou [...] vinham pousar na cozinha” (ÉLIS, 1991, p. 114). Personagem e natureza fundem-se a ponto de não conhecermos

os limites entre um e outro. Uma característica do autor como descreve Bandeira (2004, p. 68),

[a]s personagens de Élis dividem seus dilemas com o cenário natural nos domínios do Cerrado. Muitas vezes, esses dilemas eram caracterizados no despotismo na natureza. Muitos não apresentavam disposição para sobrepor-se a esse despotismo, acabavam por culpar a natureza por tudo que lhes acontecia. Violência, espoliação, enfermidades, catástrofes, exploração, e outros dilemas da condição humana eram entendidos como a mão pesada dos ermos e gerais.

A natureza se humaniza ou a personagem se naturaliza. Há um entrelaçamento que dissolve tanto a natureza quanto a personagem, representação do ser humano. “Desse modo, figurações ligadas [...] e demais representações de elementos isolados em fusão com outros, tendo como resultado um todo indistinto, seriam a perfeita definição do grotesco.” (SANTOS, 2009, p. 144). Podemos entender um conceito teórico para afirmar que a personagem Rosa se reveste de um caráter grotesco em sua personalidade.

Aliado a essa transgressão grotesca, um processo metamórfico se principia com a personagem. A atitude de criar, o poder demiurgo, se enfatiza como transformador, modo pelo qual ocorre a transposição do real concreto para o imaginário. (MATOS, 1996). Nesse momento de transformação, “[a]í se dá a constituição do ato poético em sua função primeira, que é a de nos transformar, trocar de forma” (MATOS, 1996, p. 85). A feição poética que a obra de Bernardo Élis retrata em sua construção narrativa nos induz ao estranhamento inicial. O entrelaçamento da estranheza aliado à paisagem pitoresca do ambiente suscita na poesia a inspiração provocativa aos olhos do leitor, se este possuir ‘lentes’ que o façam enxergar o processo de transfiguração do real para o poeticamente fantástico. Neste sentido de descrição das imagens e relações, Bandeira (2014, p. 70) escreve sobre *A enxada*, outro conto de Bernardo Élis, dizendo que

[a]s paisagens, no conto *A enxada*, imaginárias ou não, levam o personagem a criar uma ilusão frente à realidade que o espera. Isso acontece com “Piano” quando ele parte em busca da enxada. Depois de muito procurar, em lugares distantes do rancho em que morava, ele volta para casa sem a enxada. Os pensamentos de “Piano” estão confusos, porque o cansaço é grande, misturam realidade com imaginação.

A descrição da vida de uma personagem nos coloca em ponto tão próximo que começamos a vivenciar suas angústias e, mais, nos posiciona no tempo em que as relações acontecem. “Isso sucedia vesprando chover. Fins de julho, sem mais nem menos, Rosa pegava a olvidar as coisas, a recolher-se nos seus mutismos rodeados de aves” (ÉLIS, 1991, p. 115). Podemos perceber o processo gradativo de isolamento da personagem numa interação com a natureza.

Em seu momento metamorfoseante, a criação literária elege o mundo animal pois (sic) o homem é atingido, principalmente, pela sua semelhança, conduzindo o seu discurso para a dialética de atração e repulsão que está no centro do nosso fascínio pela vida animal, ida mais próxima do homem, sem a interferência da razão, porém em plenitude quanto aos instintos (MATOS, 1996, p. 85).

Podemos notar a relação da personagem com o mundo animal, o que posteriormente vai se intensificar na narrativa, caracterizada pelo grotesco. “Muitas murmurações povoam o silêncio da mulher” (ÉLIS, 1991, p. 115). Nas palavras de Bakhtin (1993, p. 277), “o corpo grotesco é um corpo em movimento. [...] ele mesmo constrói o outro corpo; além disso, esse corpo absorve o mundo e é absorvido por ele.” É o que podemos perceber no conto, a dissolução/absorção da personagem por si mesma, reforçando a feição grotesca e excêntrica da narrativa que “tende a exprimir precisamente a desorientação em face de uma realidade tornada estranha e imperscrutável” (ROSENFELD, 1976, p. 60).

À medida que a narrativa se desenvolve, ocorre no conto um momento de sublimação, o encontro de Rosa com “conhecidos lá do sertão” (ÉLIS, 1991, p. 117). O autor continua, “Rosa moeu o café no pilão, coou, lhes serviu. [...] Rosa nessa tarde estava desenvolva, satisfeita, completamente livre. [...] tinha conhecidos e amigos [...]. Os tais se foram e bem uma semana ela ficou se lembrando deles.” (ÉLIS, 1991, p. 118). Embora haja um momento de sublimação, tal fato não retira do conto o aspecto grotesco. Pelo contrário, há um reforço ainda maior, já que

[a]s teorias tendem a concordar que são constitutivos do grotesco elementos como: hibridismo entre contrários, as metamorfoses

abruptas, a loucura, o universo onírico, o absurdo, o riso entremesclado pelo terror, a intervenção do sobrenatural no cotidiano, e demais recursos que visam expressar a obra de arte por meio da surpresa com o fim de provocar, especialmente, o estranhamento. (SANTOS, 2009, p. 137-138)

Esses elementos constitutivos do grotesco aparecem no conto de Bernardo Élis, partindo de momentos de inquietude à euforia podemos perceber na personagem essa caracterização. Após a saída/despida de seus conhecidos, Rosa volta ao estado primordial, entretanto, agora se reveste de um estranhamento ainda maior.

[...] voltou ao ramerrão costumeiro, metida no seu canto, fazendo as coisas que lhe eram determinadas, deitando-se com as galinhas, nos dias normais, e levantando-se com as estrelas no céu. Sempre suja, metida no vestido de algodão cru, tomando banho rarissimamente, dormindo sem lavar os pés, fedendo a suor acre de cavalo pisado, mijando em pé e enxugando as pernas com a saia. Muitas vezes dormia na cozinha, encostada na fornalha, a cabeça do cachorro – Tigre – no colo. (ELIS, 1991, p. 119).

Neste trecho da narrativa percebemos praticamente todo o resumo do caráter grotesco na construção da personagem. A (de)formação de si com o ambiente em que não se pode (de)limitar as fronteiras entre o ser humano e o ser animal, o ser social e o ser natureza. “O grotesco, íntimo das sensações de estranheza, busca, por sua vez, suas manifestações no anômalo” (SANTOS, 2009, p. 138). A obra literária, de acordo com Curado e Pinheiro (2013), assume a definição paradoxal de beleza a partir do momento em que o sujeito, marcado sem limite de fronteiras, fundamenta-se em aspectos dicotômicos, antitéticos e controversos.

Esta aproximação existente dessume-se de uma interação entre natureza, entenda-se aqui o Cerrado, e personagem, a paisagem acaba por se personificar no mesmo sofrimento de Rosa. “Pelos negros campos queimados, arrebetavam brotinhos verdes. As árvores ressequidas pela seca e pelo fogo que se viam na beira do rio e no fim das ruas também principiavam a deitar gomos verdes.” (ÉLIS, 1991, p. 120). Existe um prenúncio de ressurreição, metamorfose, como se já tivesse anunciado antes. A paisagem representa, de

forma diferente porque nunca foi intenção do autor descrevê-la, uma simbiose entre o ser e a natureza. De toda sorte

Em sua obra *Ermos e Gerais*, relaciona o cenário de sua narrativa com as paisagens do cerrado, descritas como as “Gerais”. Essas foram denominadas por relacionar ao lugar desabitado, de terras devolutas, esquecidas por aqueles que aqui passaram nos tempos da mineração. “Gerais” também era a forma coloquial de referir-se ao Cerrado. Era uma expressão popular que, ao mesmo tempo em que dizia respeito a uma paisagem, descrevia, ainda, a condição humana, seu isolamento, sua relação com o cenário típico dos campos do Planalto Central. Ermos, distantes, humanos, as “Gerais” de Bernardo Élis (BANDEIRA, 2014, p. 66).

A natureza se refazendo na esperança da chuva. “Chuva não tardaria [...] Rosa também as anunciava. Lá estava ela esquecida de si mesma, no fundo do quintal, banhada da luz vacilante dos garranchos queimados, estática, como se ouvisse o pipocar do chuvisco nos buritizais do sertão.” (ÉLIS, 1991, p. 121). Outra vez a aproximação personagem e natureza se manifesta, porém com um prenúncio de fim. “[...] os sabiás de rabo mole atiravam pios aflitíssimos, que varavam o coração de Rosa e punham em suas feições uma sombra de bruteza e dor.” (ÉLIS, 1991, p. 122).

Caminhando para o desfecho do conto vamos retornar ao nada, que denuncia a entrada de Rosa na narrativa. Entretanto, o vazio agora e a redução gradativa do ser evidenciam a degeneração da personagem. Desconhecida, não se sabe como sucumbiu. “No quarto de Rosa, dependurado de um torno atrás da porta, estava um vestido velho; [...]” (ÉLIS, 1991, p. 124). O vestido é a representação do que se foi da personagem, da sua paisagem introspectiva ficada apenas na lembrança daqueles conhecidos.

“Por todo o cômodo, o cheiro, aquele acre odor de cavalo pisado, que era a nhaca de Rosa.” (ÉLIS, 1991, p. 125). Encerra-se o conto de forma mais grotesca e estranha: a personagem some no nada, não haveria forma mais indigente. Se dissolve entre si mesma e o ambiente. É grotesca, excêntrica e estranha. Somos todos.

Considerações finais

O conjunto literário de Bernardo Élis seduz o leitor, também, pela descrição dos aspectos sociais, das relações do sertanejo e da simplicidade na resolução dos problemas bem como sua luta pela sobrevivência. A linguagem demonstra uma agilidade e um laconismo percebidos quando as personagens falam, os detalhes tanto da descrição das paisagens quanto das relações sociais estão postos de forma que a ficção se aproxima da realidade. Em um processo mimético podemos constatar esta aproximação da vivência do sertanejo com os enredos de nossas vidas.

Aventurar-se pela prosa de Bernardo Élis é adentrar em uma narrativa que suscita estranhamento por parte do leitor. Entretanto, nada mais é que transfigurar o real para um plano poético. No conto podemos compreender os recursos narrativos que expressam o caráter transgressivo na construção da personagem, distanciando da tradição clássica literária.

Podemos evidenciar a estranheza da personagem isolada em seu mundo interior, alheia à sociedade da qual faz parte, porém num processo de redução do ser se mescla com o ambiente a ponto de não percebermos se a natureza a toma para si ou se ela, Rosa, absorve a natureza. Importa, porém, que, ao se utilizar deste recurso estilístico, o autor poetiza o cotidiano de momentos vividos no sertão goiano. É mais uma leitura que se pode depreender da narrativa de Bernardo Élis.

Referências

BANDEIRA, A. M. **Fronteira e natureza na obra de Bernardo Élis**. 86 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Ambiente). Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Ambiente. UNIEVANGÉLICA. Anápolis, 2014.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Hucitec, 1993.

CURADO, M. E; PINHEIRO, V. Cora coralina e José Godoy Garcia: literatura, pobreza e modernidade. **Hispanista**. v.53, p. 1-15, Rio de Janeiro, 2013.

ÉLIS, B. **Seleta**. (Org.) Gilberto Mendonça Teles. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

MACEDO, E. de. **Um contista goiano**. Anápolis: Couto Magalhães, 1968.

MARCHEZAN, L. G. A ficção regionalista expressionista de Bernardo Élis. (ANAIS) In.: **XVI Congresso Internacional da ABRALIC**: Circulação, tramas e sentidos na literatura. Uberlândia, 2018.

MATOS, E. **O sublime e o grotesco na literatura de folhetos**. Ver. de Letras. vol. 18, nº 2. Jul/dez. 1996. Disponível em <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl18Art12.pdf>>. Acesso em: 10 de set. de 2017.

OLIVAL, M. de. C. S. Prólogo: Traços da escritura bernardiana. IN: ELIS, B. **Caminhos dos gerais**: contos. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1981.

ROSENFELD, A. **Texto/contexto**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SANTOS, F. R. S. **Lira dissonante**: considerações sobre aspectos do grotesco na poesia de Bernardo Guimarães e Cruz e Sousa [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 584 p. ISBN 978-85-7983-026-6. Available from SciELO Books. Disponível em <<https://static.scielo.org/scielobooks/m2ys3/pdf/santos-9788579830266.pdf>>. Acesso em 10 de set. 2017.

SILVA, M. V. C. da. **Sertão e savana**: forma literária e processo histórico em contos de Bernardo Élis e Mia Couto. 152 f. Dissertação (Mestrado em Literatura). Programa de Pós-Graduação em Literatura. UNB, Brasília, 2017.

TELES, G. M. **Contramargem**: estudos de literatura. Rio de Janeiro, Puc-Rio, São Paulo: Loyola, 2002.

UNES, Wolney. (Org.). **Bernardo Élis**: vida em obras. Goiânia: AGEPEL: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

Sobre os autores

Antônio Oliveira

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias, Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT/UEG) e Professor na Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Itapuranga.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4320833142530185>

José Elias Pinheiro Neto

Doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Professor no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG) e no Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Itapuranga.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5176979314704270>

Recebido em Maio de 2019.
Aceito para publicação em Junho de 2019.